

A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA CRÔNICA “EM NOSSA SENHORA APARECIDA”, DE FERNANDO BONASSI

Flávia Luciano Santos¹

Resumo: Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa de mestrado que buscou refletir sobre os modos de representação das violências no livro de crônicas de Fernando Bonassi, *A boca no mundo*, publicado em 2007. Em suas crônicas, Bonassi representa acontecimentos do cotidiano impressos na grande cidade, que muitas vezes passam despercebidos por nós, revelados por meio de uma linguagem coloquial (própria da crônica). O olhar do autor se volta para a realidade dos menos favorecidos, vítimas de um sistema social que os oprime e os exclui de seus direitos fundamentais, aludindo a uma violência estrutural, que resulta, muitas vezes, em uma violência direta. Na crônica “Nossa senhora Aparecida”, escolhida para mobilizar nossas reflexões, neste artigo, na qual é possível identificar diversos tipos de violência, naturalizadas dentro de uma cultura que discrimina determinados grupos sociais, os pobres.

Palavras-Chave: Bonassi; crônica; violências.

THE NATURALIZATION OF VIOLENCE IN THE CHRONICLE “IN OUR LADY APPEARED”, BY FERNANDO BONASSI

Abstract: This article presents the results of a master’s research that sought to reflect on the ways of representing violence in Fernando Bonassi’s chronicle book, *A boca no mundo*, published in 2007. In his chronicles, Bonassi represents everyday events printed in the big city, that often go unnoticed by us, revealed through colloquial language (typical of the chronicle). The author’s gaze turns to the reality of the least favored, victims of a social system that oppresses them and excludes them from their fundamental rights, alluding to structural violence, which often results in direct violence. In the chronicle “Nossa Senhora Aparecida”, chosen to mobilize our reflections in this article, in which it is possible to identify different types of violence, naturalized within a culture that discriminates against certain social groups, the poor.

Keywords: Bonassi; chronic; violence.

¹ Psicóloga, mestra em Letras pela Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR). Bolsista pelo FCTE/PMTC E-MAIL: flavia_santos.l@hotmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1523891935081249>

Introdução

Fernando Bonassi nasceu em São Paulo, em 1962. Formou-se em Cinema na Escola de Comunicação e Arte, da Universidade de São Paulo (USP). A técnica narrativa do cinema é claramente manifestada em sua escrita literária, sendo ele um autor múltiplo, de romances e contos a peças de teatro e a roteiros de filmes brasileiros consagrados como *Carandiru*, *Cazuzza – O tempo não para* e *Lula – O filho do Brasil*. Mesmo quando cria um texto, ele consegue revivê-lo em outro espaço. O autor consegue flexibilizar sua obra a partir de sua múltipla experiência.

O livro *A boca no mundo*, publicado por Fernando Bonassi, em 2007, reúne crônicas que foram inicialmente publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, entre os anos de 2002 a 2006. As crônicas selecionadas para compor este livro envolvem personagens pobres, não necessariamente miseráveis, que possuem um emprego ou subemprego com salário baixo, moradia precária e sem condições de lazer. A condição de subempregado pode envolver tanto aquele que exerce uma atividade sem qualificação profissional quanto o trabalhador qualificado que, devido à ausência de oportunidade para exercer sua função, executa tarefas inferiores à sua instrução profissional.

O fato é que essa condição de subempregado está relacionada não só à ilegalidade, mas também a baixos salários, ausência de direitos trabalhistas e de segurança da atividade exercida, além da humilhação decorrente da função e o desprestígio social, ocasionando uma espécie de subcidadania.

A condição dos personagens do Bonassi, desempregados ou subempregado, denuncia também a inércia do Estado em relação a manutenção dos direitos básicos, garantidos pela Constituição Federal, de 1988. As crônicas presentes no livro citado acusam a desigualdade

social e a pouca interferência do Estado para impedir e/ou diminuir a diferença econômica e social entre os grupos antagônicos. A manutenção da desigualdade social é configurada por uma ideologia da classe dominante, que naturaliza as relações de poder de uma classe pela outra. Para a manutenção dessa ideologia, o Estado possui seus aparelhos ideológicos: a Igreja, a Escola e o Exército. (ALTRUSSER, 2001)

A condição precária dos personagens é consequente também da globalização e dos avanços tecnológicos que substituíram pessoas por máquinas, o que acarretou a extinção de várias profissões e diminuiu o número de pessoas necessárias para a realização do processo fabril. Decorre das relações de poder com interesses particulares e discriminatórios que desprezam a condição humana em um grupo social e valorizam o lucro em detrimento da dignidade do indivíduo e também da ausência do poder público para configurar uma sociedade justa e igualitária.

Neste artigo, deter-nos-emos na crônica “Nossa Senhora Aparecida”, do livro *A boca no mundo*, na qual é possível identificar diversos tipos de violência, naturalizadas dentro de uma cultura que discrimina determinados grupos sociais, os pobres. Através de uma espécie de depoimento, o personagem chamado Devanir descreve como tem sido sua rotina em busca de sua própria sobrevivência.

A naturalização da violência em “Nossa Senhora Aparecida”

Em “Nossa Senhora Aparecida”, Devanir faz parte de um grupo de trabalhadores que perdeu seu emprego devido à extinção de seu cargo na fábrica onde trabalhava, configurando um sistema capitalista que visa cada vez mais ao lucro e despreza a condição e necessidades humanas. No caso de Devanir, seu trabalho é a manutenção de seu sustento.

Ele perdeu sua identificação de torneiro mecânico, já que foi extinto o seu cargo, passando a assumir a função de uma espécie de guardião no bairro violento em que mora. Sua segurança física, assim como seu emprego, também não é garantido em sua nova maneira de sobreviver depois de ficar desempregado. Seu salário provém dos outros moradores, sendo pago por meio de objetos domésticos e materiais de construção civil que ele utiliza para construir sua casa:

A casa de Devanir não se combina: porta de alumínio em batente na madeira, privada bege com lavatório azul; no piso, ora cerâmica, ora taco, ora cimento vermelho; uma parede de bloco, outra de tijolo cozido e assim por diante. Não é que Devanir prefira misturar as cores e as formas, mas desde que largou a família e se instalou no bairro, o que vai para sete anos, aceitou receber o que oferecessem pelo seu serviço. (BONASSI, 2007, p. 13)

Essa é a nova referência de trabalho e remuneração para o personagem. Não há, nessa nova condição de trabalho, políticas que assegurem uma remuneração mínima para sua sobrevivência. Sem essa remuneração, fica comprometida sua moradia, sua alimentação, sua saúde, seu lazer sua dignidade, enfim, condições tidas como basilares a todos os seres humanos. A partir dessa nova realidade imposta, Devanir passa a assumir uma função ilícita para obter seu sustento, é a forma através da qual ele consegue sobreviver.

O título “Nossa Senhora Aparecida” faz menção à imagem venerada pela Igreja Católica. Na crônica, Devanir, devoto da padroeira do Brasil, tem visões em que ela aparece e se comunica com ele. O personagem pensa estar tendo alucinações e que estas são conseqüências do remédio que começou a tomar depois de perceber “[...] barulhos dentro da cabeça e ficar nervoso” (BONASSI, 2007, p. 14), sinalizando algum tipo de distúrbio de ordem mental. O personagem não se reconhece como doente, nem ao menos sabe o que tem. Está inconsciente sobre sua própria condição de

vida, possivelmente, também não está informado sobre transtornos psiquiátricos, condição que pode alterar seu processamento sensorial e provocar alucinações visuais e auditivas.

A falta de instrução favorece para que ele deposite em uma imagem a condição relacionada à sua saúde mental. Essa percepção impede que ele busque pelo sistema de saúde, recorrendo à religião. A religião condiciona pessoas a reproduzir comportamentos em massa, idealizados não por uma divindade, mas pelo próprio homem para benefícios de outros homens. A imagem fala com Devanir:

Devanir abaixou pra beijar a mão da santa, mas ela puxou o braço e não deixou...

- Orgulhosa...

- De... va... nir...

- Fala alguma coisa, mãezinha! Pelo amor de todos os santos!

- Devanir percebeu que ela fez cara feia. Podia ser ciúme. Então ela não abriu a boca [...]. (BONASSI, 2007, p. 14)

Talvez, se tivesse o conhecimento sobre sua condição de doente, acionaria o sistema de saúde, que implicaria em ativação de políticas públicas, já que o direito à saúde é um dos direitos fundamentais garantidos pela Constituição Federal, de 1988. A falta de instrução de um cidadão favorece para a ausência do reconhecimento e, assim, ausência de fiscalização dos agentes políticos. A educação constitui uma base fundamental para a qualidade de vida do indivíduo, pensamento crítico e autônomo. É através dela que se pode formar indivíduos conscientes e autônomos para compreender a própria condição e os meios para combater o sistema existente de distribuição de renda, por exemplo, ao invés de se posicionar de maneira automatizada e divergentes à sua realidade.

A precariedade do modo de viver de Devanir vai desde condições básicas como a casa, por

exemplo, que o narrador descreve como tendo apenas dois cômodos, “Cada um dos dois cômodos da casa tem uma imagem [...]” (BONASSI, 2007, p. 14), até condições mais particulares como o seu próprio estado mental e a interferência que ele promove no seu modo de perceber os outros e a si mesmo.

Há uma diminuição na capacidade de pensar e problematizar sua própria vida. Como meio de sobrevivência e segurança, ele usa a religião, que é o instrumento de garantia de condições básicas para sobreviver: “[...] rezando contra maldição, polícia e bala perdida” (BONASSI, 2007, p. 13). Sigmund Freud acredita que, nessas circunstâncias,

O homem parece procurar sempre um ponto de segurança anímica, um atrativo, uma imagem encantada que satisfaça a sua necessidade em exaltar o “Eu” e, portanto, as aglomerações se refugiam sobre a proteção dessas imagens fetiches: a mulher encantadora, a santa, a virgem, o chefe, o Cristo, o Deus a pátria são refúgios comuns da aglomeração em perigo. (FREUD, 2009, p. 28)

Jaime Ginzburg considera que essa condição tem como motivação também a ausência de letramento, condição reconhecida em uma camada considerável do país. O conhecimento da palavra pode ser chave para consciência de direitos, além da compreensão, a verbalização como forma de luta por seus direitos:

[...] percebemos que a grande parte da população brasileira que não participa do mundo letrado tem dificuldades na interação com o mundo das leis, a ordem policial e o controle governamental, associadas a uma ausência de condições de intervenção em confronto com a hostilidade da realidade. (GINZBURG, 2010, p. 109).

Essa ausência de reflexão sobre a própria vida favorece para uma naturalização da pobreza, da miséria e da violência, fomentando ainda mais a disparidade social e favorecendo a inércia do poder público. A naturalização dessa configuração é como se fosse uma “aceitação”, já que sua condição não

o permite subverter sua realidade. Ele não tem recursos internos para isso, não foram ofertadas a ele condições críticas de pensamento.

No segundo parágrafo da crônica, o narrador descreve como passou a ser o trabalho de Devanir e sua remuneração depois que ficou desempregado. Ele passa a viver com o que é provido pelos moradores de seu bairro, sem parâmetro de valor, esforço e razoabilidade da manutenção de gastos mínimos para sobrevivência. São características de um subemprego: “[...] mas desde que largou a família e se instalou no bairro, o que vai para sete anos, aceitou receber o que oferecessem pelo seu serviço.” (BONASSI, 2007, p. 13).

O serviço que o narrador descreve é realizado através de ações violentas no bairro onde Devanir mora, motivado a proteger os moradores da violência urbana e importunação da ordem social. Devanir, na verdade, não tem escolha. Depois da extinção de sua profissão na fábrica em que trabalhava teve que aceitar o que aparecesse. Foi a forma que encontrou para garantir sua sobrevivência:

O serviço que Devanir tem agora, não teve desde sempre. Com o diploma de torneiro mecânico do SENAI, saiu trabalhando por mais de quatorze anos numa série de fábricas que deixaram de existir. [...] o que precisava de um cuidado de metalúrgico, as máquinas deixavam pronto, de uma maneira que foi se perdendo pelos empregos perdidos e acabou sem muito de onde tirar o sustento. (BONASSI, 2007, p. 13)

É uma realidade frequente, devido ao processo de industrialização que substituiu o homem pela máquina, visando à aceleração do processo produtivo e obtenção de mais lucro.

É do Estado o dever de proporcionar a todos os cidadãos emprego digno. Não só emprego, como também saúde, alimentação, moradia, igualdade, lazer, segurança etc. Na ausência do Estado, o indivíduo se vê obrigado a garantir sua sobrevivência de forma, às vezes, imprudente

e irrefletida, devido a sua condição financeira precária e pouca informação. O personagem utiliza a violência como forma de sobrevivência. Freud assemelha esse comportamento a espécie de hipnose contida na psicologia das massas. Segundo ele, “[...] um ser humano pode ser colocado num estado tal que, depois de perder sua inteira personalidade consciente, obedeça a todas sugestões daquele que o privou dela e cometa atos mais contrários ao seu caráter e aos seus hábitos.” (FREUD, 2009, p. 46).

É possível identificar na narrativa uma das suas atividades:

O serviço que Devanir faz agora começou de fim de semana, quando a arruaça abraçava aquela vila e quem não era disso tinha de se internar, rezando contra maldição, polícia e bala perdida. O primeiro foi um velho que gritava e arrancava na porta do boteco do Soares. Devanir, que teve pai alcoólatra, não suportava esses tipos. Quando ele fez com que o bêbado sumisse, ganhou muitas coisas pela gratidão das pessoas. (BONASSI, 2007, p. 13)

O trecho nos traz um dos trabalhos que Devanir passou a ter depois que ficou desempregado. Ele se utiliza da violência física para “sumir” com o bêbado a mando dos outros moradores. A importunação nas ruas vem de um homem bêbado, problema muitas vezes enfrentado por pessoas que se encontram em situações precárias emocional, social e/ou financeiramente, como uma maneira de fugir desses problemas. Segundo a Organização Pari-Americana de Saúde (OPAS), os fatores que expõe a pessoa a uma chance maior ao alcoolismo, incluem:

[...] desenvolvimento econômico, cultura, disponibilidade de álcool, além da abrangência e dos níveis de implementação e execução das políticas sobre álcool. Embora não exista um único fator de risco que seja dominante, quanto mais vulnerabilidades tiver uma pessoa, maior a probabilidade de desenvolver problemas relacionados ao álcool como resultado de seu consumo. (OPAS, 2019)

É de responsabilidade do Estado criar estratégias que atuem na sociedade sobre questões

biopsicossociais como o alcoolismo, por exemplo, como formas de prevenção e também tratamento adequado. É o Estado quem deve amparar os indivíduos em aspectos sociais, emocionais, assistenciais etc. Essa atuação efetiva diminuiria a importunação e, conseqüentemente, a violência, através da promoção da saúde. É uma violência política que altera diretamente o funcionamento psíquico, social e orgânico. Traz efeitos graves e compromete a qualidade de vida da sociedade, já que o comportamento é sempre lançado a um meio social, causando interferências na vida do outro. São efeitos combinados da pobreza e da urbanização acelerada, sem que houvesse um desenvolvimento econômico necessário para oferecer emprego e instrução adequada aos indivíduos.

Outro aspecto social, o culto religioso como alternativa para solução de problemas sociais não alcançados pelo Estado, pode ser identificado na crônica, no trecho: “[...] quando a arruaça abraçava aquela vila e quem não era disso tinha de se internar, rezando contra maldição, polícia e bala perdida” (BONASSI, 2007, p. 13). É hábito comum recorrer à religião para solucionar problemas sociais não atendidos pelo Estado. No trecho da crônica, a comunidade reza contra a polícia, evidenciando o caráter antagonico desse órgão público.

A instituição policial tem o dever de garantir aos cidadãos a ordem, exercer a vigilância e o cumprimento das leis. Não exercendo esse papel, o órgão público está desrespeitando princípios legais e, num caráter ambivalente, está propiciando a violência de forma direta e indireta: direta, quando eles mesmos são os agentes dos atos violentos em uma suposta intervenção, derivando o medo e o repúdio pela sociedade; de modo indireto, quando não exerce efetivamente sua função básica e, assim, não combate à violência e influencia a sociedade a lidar com ela de maneira brutal como forma de se proteger. Alba Zaluar refere-se à violência policial no Brasil desde tempos coloniais, mostrando a

origem da relação desproporcional e conveniente deste órgão. É o que a estudiosa vai reconhecer como uma prática de clientelismo que beneficia grupos privilegiados de forma institucionalizada e às vezes ilegal: “Os policiais foram formados para satisfazer os proprietários de terra e a eles submeterem-se, reprimindo somente os pobres, os negros e os indígenas.” (ZALUAR, 2007, s/p).

O Estado, através de seu instrumento de controle e repressão, a polícia, deveria conter a violência. Não o faz e passa a ser ele o fomentador e proporcionador da mesma. Nessa perspectiva, Louis Althusser considera que “[...] o Estado como força de execução e de intervenção repressiva ‘a serviço das classes dominantes’, na luta de classes da burguesia e seus aliados contra o proletariado é o Estado, e define perfeitamente a sua ‘função’ fundamental.” (ALTHUSSER, 2001, p. 63).

Os vizinhos de Devanir, inclusive ele, entendem que a violência vem de pessoas não civilizadas, marginalizadas socialmente. Não reconhecem que elas originam de agentes de poder. Conforme na narrativa: “[...] foi chamado pelo dono do depósito de material de construção, que dois moleques viviam pulando o muro para roubar cimento e telha. Deu um jeito neles e ganhou um milheiro de tijolos. Aqueles da parede do fundo” (BONASSI, 2007, p. 13). A maneira de conter a violência, mais uma vez, é através de uma ação violenta, por eles justificada, em razão da “ordem social”. É a violência gerando violência. E assim, Devanir garante materiais para construção de sua casa através dessa ação, a violência sendo um instrumento da manutenção de sua sobrevivência. Em nenhum momento da narrativa é questionada a responsabilidade do Estado, nem em relação à violência e nem em relação à vida medíocre e desamparada de Devanir. A consciência de Devanir desaparece, ele não reconhece sua singularidade. A situação que se encontra é mais compatível

com as pessoas que ele “dá fim” dos que com os moradores do bairro.

Há uma compreensão compartilhada na sociedade em que a violência vem de pessoas marginalizadas socialmente. É uma ideologia deturpada que mantém os poderosos como pessoas do bem e civilizadas; por outro lado, os pobres se mantêm na busca pela sobrevivência como sendo um ato de selvageria. Quando é exposto a violência promovida pelo Estado, ela é justificada e até mesmo aclamada por ser compreendida como uma tentativa de ordem social. Karl Erik Schollhammer analisa a violência na contemporaneidade em seus diversos trabalhos. Para ele, “Essa violência como uma tentativa de estabelecer a ordem social também acontece no movimento do menor para o maior, através de uma revolta desse sistema violento e opressor” (SCHOLLHAMMER, 2013, p.57). Essa violência tida como ordem social também vem de camadas desfavoradas socialmente. Na ausência de condições básicas de sobrevivência, buscam por condições para matar a fome, para obter prazer, entre outros. É uma espécie de contraviolência, mas não reconhecida dessa maneira socialmente.

A violência não parte de um indivíduo não civilizado em direção a uma sociedade justa e igualitária. Ao contrário: é a desigualdade social, preceito que fere os direitos fundamentais, que propicia e estimula a violência, embora faça parecer como se fosse o contrário. Isso remete aos apontamentos de Louis Althusser; “Ora, o que o aparelho de Estado concorre para reproduzir é ‘ideologia que convém’ às relações de produção ou, mais precisamente, às relações de exploração capitalista, e não as relações de exploração propriamente ditas.” (ALTHUSSER, 2001, p. 35).

Sendo assim, é necessário que existam indivíduos em condições miseráveis para que se submetam a tarefas cuja atuação é exploratória, humilhante, arriscada, para a obtenção do lucro

e bem-estar dos poderosos. É uma ideologia cuja finalidade é uma classe dominar a outra fazendo parecer que isso não ocorre, portanto, inconscientemente. Marilena Chaui entende como um ocultamento da realidade. Chaui considera que “Por seu intermédio [ideologia], os homens legitimam as condições sociais de exploração e de dominação, fazendo com que pareçam verdadeiras e justas.” (CHAUI, 1982, p. 21). Essa fumaça esconde a verdadeira relação existente de uma classe e evita que a classe a ser dominada enxergue sua própria condição, fazendo com que confie na condução da classe opressora, que não cessa de violar seus direitos.

Na crônica, a comunidade não quer violência, pelo contrário, quer acabar com ela. E também não se reconhece como violenta, apesar de suas atitudes incontestavelmente serem violentas. E faz isso também através da exploração, já que aproveita que Devanir não possui um emprego e nenhuma outra renda para sobreviver. Sendo assim, promove o rapaz a “justiceiro” do bairro e o incentiva através de “pagamentos” para violar o outro. A comunidade também não parece ter outro recurso para lidar com a violência a não ser eleger Devanir para enfrentá-la. É comum destinar a pobres e desempregados funções de riscos e humilhantes, como se o pobre tivesse mais condições para lidar com situações nefastas. Devanir vai executar o que eles não se arriscam a fazer. Provavelmente porque reconhece que se trata de uma atuação ilegal e por ser perigoso, já que Devanir arrisca sua própria vida ao “eliminar” os perturbadores do bairro. Assim como o poder público, eles também tiram vantagens da condição de Devanir. Agora o personagem vai lidar com estupradores a mando dos vizinhos e, com isso, receber sua recompensa.

Depois foram os estupradores: a porta de alumínio, o liquidificador, uma estante de metal, o fogão e a geladeira. Tinha se especializado nisso: pedia pra ajoelhar, encomendava as almas e fazia o que tinha de ser feito. No começo

enjoava, mas depois acostumou. Devanir é devoto de Nossa Senhora Aparecida, porque um dia estava se afogando em São Vicente e, quando ele gritou o nome dela, veio como que uma mão dos céus e o puxou de volta para essa vida. A santa surgira de um rio, ele ressurgira do mar e Devanir passou a pensar que tinha essa ligação com a padroeira. Por isso quando Devanir encomenda uma alma, encomenda através de Nossa Senhora Aparecida. Também porque acredita que se a gente vem ao mundo por meio de uma mãe, deve ser levado dele por intermédio de outra. Essas coisas de Devanir... (BONASSI, 2007, p. 13).

O trecho “fazia o que tinha que ser feito”, remete a uma mecanização dos atos. Como se fosse a única opção. É a ausência da consciência individual, da vontade, da liberdade, aprendidos através da escola e da religião. Freud considera essa atitude como configuração de uma massa organizada. Para Freud, o ser humano integrante dessa massa

[...] desce vários degraus na escala da civilização. Em seu isolamento era talvez um indivíduo culto; na massa, é um bárbaro, isto é, um ser instintivo. Possui a espontaneidade, a violência, a ferocidade e também o entusiasmo e o heroísmo dos seres primitivos.” (FREUD, 2009, p. 48).

Ele está alienado a uma ideologia que não o favorece. Essa alienação Chaui considera como

[...] um processo ou o processo social como um todo. Não é produzida por um erro da consciência que se desvia da verdade, mas é resultado da própria ação social dos homens, da própria atividade material quando esta se separa deles, quando não podem controlá-la e são ameaçados e governados por ela. (CHAUI, 1982, p.79)

A vida de Devanir parece ter menos valor que a deles. Elegem-no para fazer atividades arriscadas e proibidas. Para combater a violência, usa-se a própria violência como instrumento, só que aqui justificada e aceita socialmente como ato necessário para a própria segurança, outro direito fundamental de todo cidadão. Ressalte-se que isso deveria ser garantido não pela atuação de Devanir, mas através de políticas públicas efetivas. São

pensamentos e atitudes no mínimo incoerentes que não cessam de escancarar uma sociedade injusta e parcial quando se refere a interesses particulares. Quando indivíduos marginalizados socialmente usam a violência como instrumento para obter “benefício” (que, na maioria das vezes, é seu próprio direito básico), são absolutamente recriminados pela sociedade. Mas, quando a mesma cena altera os atores, passa a fazer sentido e até mais que isso, passa a se configurar como necessária, que são atos violentos vindos de camadas socialmente superiores e tidas como ordem social.

Fábio Marques Mendes se refere a esse antagonismo presente nas relações sociais. Para o estudioso, “O ser humano moderno é conflituoso, pois nele se inscreve, como complemento essencial, a possibilidade do mal, embora o mal constitua sempre um escândalo para o ser humano” (MENDES, 2015, p. 49). O cidadão se diz contra a violência, mas, paradoxalmente, a promove.

No final da crônica ocorre um diálogo entre Devanir e Nossa Senhora Aparecida. Ela aparece em sua casa como uma alucinação. Em uma das partes do diálogo, a imagem chama o personagem a refletir sobre suas ações:

- Devanir... você é um bosta.

A voz ecoava dentro do quarto, mas não tinha espaço para tanto eco. Devanir deu um passo para trás, tropeçou na cama e caiu deitado.

- Que é isso, Mãezinha! Chamo sempre que tô pra acabar com um e a senhora me chega com essa?!

- Devanir, você não pode fazer isso...

Devanir aproveitou para pegar o revólver e enfiar por trás da calça:

- Como? Deixo essa gente desprotegida? [...]

- Eu quero a sua promessa de que vai parar de matar criança, Devanir... [...]

- Que criança o quê! Malandro aqui fica pronto com doze, treze... não tem nada de

criança não... A senhora devia saber disso... (BONASSI, 2007, p. 15)

No diálogo entre Devanir e Nossa Senhora Aparecida é possível analisar a percepção que o personagem tem de suas próprias ações. Ele entende que a vizinhança é desprotegida em relação aos marginalizados socialmente que ele elimina. Na verdade, é o contrário. Ele é quem está desamparado ali. Ele não vê os próprios vizinhos como agentes de violência, que, mais uma vez, só aparece de baixo para cima. Ele fala ainda de adolescente que comete ato infracional, naturalizando um pensamento coletivo de que eles tiveram oportunidade de escolher outro destino. Como se a violência não fosse uma das únicas opções diante da desestrutura e ausência de suporte; condição em que muitas crianças e adolescentes se encontram no Brasil. Eleger a violência como um meio de sobrevivência, conforme Zaluar identifica:

[...] a importância e os limites das explicações macrosociais sobre a criminalidade violenta, como a pobreza e a exclusão social, quando vista nas suas interações com os mecanismos transacionais do crime organizado em torno do tráfico de drogas e de armas de fogo que desenvolveu uma interação perversa com a pobreza e a juventude vulnerável de muitos países. (ZALUAR, 2007, s/p)

Considerações finais

Na crônica “Nossa Senhora Aparecida”, temos uma reflexão sobre o uso da violência como estratégia de sobrevivência de um personagem pobre, retirado do mundo institucionalizado do trabalho fabril. No texto, que tem um contorno narrativo, Bonassi discute a forma como a violência é compreendida pelas pessoas de uma comunidade, que elegem um desempregado como uma espécie de justiceiro.

Devanir internaliza o discurso dominante em que pobre é bandido e aqueles que não são pobres não são violentos, estão apenas buscando justiça ou

proteção através da violência. Outro discurso que ele reproduz da classe dominante está expresso na citação seguinte, quando diz que “Malandro aqui fica pronto com doze, treze anos... não tem nada de criança não” (BONASSI, 2007, p. 15), acreditando que um adolescente já tem consciência plena de seus atos e deve ser punidos e não instruídos.

Esse contágio emocional faz com que o indivíduo afaste de si a consciência de sua própria classe. Ele passa a imitar comportamentos contrários a sua própria realidade. Albuquerque que considera que o indivíduo está inerte a uma ideologia. Para ele,

[...] a causa da ilusão ideológica seria a alienação material que reina nessas condições de existência. Para Althusser é a “natureza imaginária dessa relação” entre os homens e suas condições de existência que dá suporte a toda e qualquer deformação imaginária da ideologia – quando essa relação não é vivida “na sua verdade”.

Mais precisamente, toda ideologia representa, na sua deformação necessariamente imaginária, não relações de produção existentes (e outras relações que delas derivam) [...] a relação entre eles é “imaginária” por oposição a realidade pré-existente (a relação é imaginária e falsa). (ALBUQUERQUE, 2001, p. 39)

Pode-se pensar, não só nessa ideologia através de um contágio emocional que fortalece as relações de poder de uma classe pela outra, mas também em uma violência simbólica, já que o personagem na crônica internaliza discursos que oprimem sua própria condição (BOURDIEU, 1989, p. 7).²

A crônica termina com Devanir atirando na imagem da santa: “Devanir puxou a arma, apontou

2 Bourdieu descreve a violência simbólica como “[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Destarte, a dominação simbólica se instaura por intermédio de um processo sustentado pela existência e pelo reforço de pensamentos e predisposições alinhados às estruturas impostas, refletindo em ações de conhecimento, reconhecimento e submissão ao instituído por parte dos dominados que, julgando auto-evidente tal processo, não conseguem romper com o mesmo, conspirando para a sua própria dominação. (BOURDIEU, 1989, p. 7)

para a santa e disparou.” (BONASSI, 2007, p. 15). O tiro indica um afastamento de qualquer pensamento crítico que possa ter sobre suas próprias atitudes. A essa percepção do discurso dominante, a imagem o chama de “burro”. Provavelmente isso ocorre por ele proteger quem o viola, e violar a si mesmo e sua classe. Podemos considerar que o tiro é um afastamento do pensamento crítico, mesmo que seja através de alucinação. Isso se dá através da violência, com a “eliminação” da santa. Com um tiro, ele encerra o diálogo: “[...] prometeu não tomar mais aquele remédio e ninguém sabe se deixou de fazer maldade.” (BONASSI, 2007, p. 15). Parar de tomar o remédio pode ser considerada como uma forma de distanciar-se de pensamentos críticos e ter consciência sobre sua conduta. A sua tomada de consciência de classe foi afastada, através do tiro em direção à imagem.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J. A.G. “Introdução: Althusser, A ideologia e as Instituições. In: ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros Castro. Rio de Janeiro: Edição Graal, 2001.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros Castro. Rio de Janeiro: Edição Graal, 2001.

BONASSI, Fernando. *A boca no mundo: 100 crônicas de Fernando Bonassi*. São Paulo: Novo Século Editora, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989, p. 6-16.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu*. Tradução Renato Zwick. 10. ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GINZBURG, Jaime. *Literatura e Direitos Humanos: notas sobre um campo de debates; A violência na literatura brasileira: notas sobre Machado de Assis, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa*. In: *Crítica em tempos de violência*. 2010. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2015/03/tese-de-livre-docencia-jaime-ginzburg-a_copy.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2019.

MENDES, Fabio. Marques. *A linguagem da violência nos contos de famílias terrivelmente felizes de Marçal Aquino*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

OPAS, OMS, Ministério da Saúde, 2006.

SCHOLLHAMMER, Karl. Erik. *Cena do crime: Violência e realismo no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

ZALUAR, Alba. *Democratização inacabada: fracasso da segurança pública*. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 31-49, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n61/a03v2161>>. Acesso em: 15 maio 2019.

Submissão: outubro de 2020

Aceite: julho de 2021.